LuM|038|0048|12

PROPOSTA DE TRABALHO

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Prof. ALBERTO Luiz da Rocha Barros

I.E.A

Av. Prof. LUCIANO GUALBERTO
TRAVESSA J nº 374
05508 TEL. 212 9421
SÃO PAULO

I. POR QUE UM INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS NA USP ?

Fundamentos

A Universidade de São Paulo, criada em 1934, encontra-se numa situação desafiadora: como conseguir, com sua experiência de mais de meio século de vida, criar um forum central onde seus membros possam intercambiar idéias entre si, convidando colegas a atravessar as fronteiras de suas especialidades e a interagir com cientistas, pensadores, artistas e escritores de projeção nacional e internacional ?

A USP constitui o maior centro de ensino e pesquisa do país. É a grande responsável pela produção científico-cultural da rede universitária nacional. Aglutinando Faculdades criadas no século passado, como a Faculdade de Direito (1827) e a Escola Politécnica (1894), os fundadores da USP beneficiaram-se da experiência de institutos, comissões e escolas que antecederam sua fundação, como a Comissão Geográfica e Geológica (Criada em 1866, com Orville Derby), a Sociedade de Medicina e Cirurgia, a Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia (esta, com projeto de escola superior de Braúlio Gomes), a Faculdade de Medicina (de 1913, que adquiriu impulso a partir de 1931, transformando-se num poderoso complexo médico-hospitalar),

e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (de 1934, inspirado no modelo do Massachussetts Institute of Technology).

Nos horizontes da vida científica de então, contavam também as experiências do Instituto Bacteriológico (1893), do Instituto Soroterápico (embrião do Butantã, 1899), do Instituto Agronômico de Campinas (1887-1892), do Instituto Biológico (1924) e, desde 1891, do Museu Paulista, que desenvolvia pesquisas e bibliografia nos campos da História, da Zoologia e da Etnografia. A partir de 1933, a Escola de Sociologia e Política recrutou uma série de intelectuais nacionais e estrangeiros, ampliando o campo das pesquisas e da reflexão teórica em Ciências Sociais no Brasil.

Nessas instituições gestava-se o moderno espírito científico, aberto às pesquisas e reflexões de vanguarda que ganhariam uma nova dimensão com a fundação da USP, em 1934, cujo núcleo central deveria ser a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, segundo a concepção de seus criadores Julio de Mesquita Filho, Paulo Duarte, Armando de Salles Oliveira e Fernando de Azevedo. A função precípua dessa Faculdade, nuclear no organograma da Universidade, seria a de estimular a "ciência fundamental", numa criativa perspectiva humanista, liberal, interdisciplinar e - vale ressaltar - internacionalista.

Para a nova Universidade, importava formar quadros novos, "uma nova elite" para atualização do país, recrutando talentos onde eles se achassem, por vezes até fora das famílias das oligarquias locais. E, no Exterior, souberam os fundadores da USP detectar para os novos quadros universitários jovens ainda pouco conhecidos, como o físico Gleb Wathagin, o antropólogo Lévy-Strauss, o historiador Fernand Braudel ou o poeta Ungaretti. A qualidade era o que importava.

Após 50 anos, a USP, situada numa problemática cidade-limite como São Paulo, tendo vivido conjunturas nacionais difíceis e as vicissitudes que um organismo complexo e hiperburocratizado, vê-se na contingência de retomar alguns pontos de sua própria história. Hoje, como reerguer a USP sem repensá-la ?

Os acadêmicos uspianos mobilizam-se para repensar a instituição em suas múltiplas funções de pesquisa, de ensino, de formadora de profissionais para a nova sociedade civil. Além de, naturalmente, aprimorar os mecanismos de renovação de seus próprios quadros.

Com efeito, na perspectiva da atual Reitoria, a tarefa prioritária é estimular a criação de novos mecanismos de promoção da ciência e dos cientistas, das artes e dos artistas e, em última análise, da própria sociedade que se quer reconhecer nessa instituição eminentemente pública. Propõe-se o aprofundamento da crítica que romperá com o burocratismo instalado, nos últimos anos, na maior universidade do país. Burocratismo generalizado que temporariamente retirou da cena político-cultural nacional.

Para tanto, quando se propõe a criação de um IEA, que pressupõe a participação de intelectuais de máximo nível, não se deve apenas observar o caminho trilhado por outros institutos congêneres. Como o Institute for Advanced Study, de Princeton, fundado em 1930, cujo trabalho concentrado em alguns campos do saber é notável, inclusive tendo abrigado em seus quadros um cientista do porte de Albert Einstein. Impõe-se também - como propõe o Instituto de Estudos Avançados de Berlim (Criado em 1981) - fazer notar à comunidade universitária nacional a importância em se promover a discussão cien-

tífica, apoiada pela crítica cultural, para além das "limitações das disciplinas, das nações e das gerações". No caso da USP, vale enfatizar o exemplo desse modelo, indicando que a colaboração interdisciplinar deve ultrapassar a vida cotidiana estanque de algumas escolas que se isolaram do conjunto. E diminuir as barreiras que por vezes os títulos criaram, ao invés de estimularem o convívio acadêmico aberto, crítico e democrático.

Espera-se que o IEA, em formação, saiba incorporar as características da própria história da Universidade em que surge ele, bem como as da cidade e do país em que se situa, ultrapassar suas limitações e vencer seus desafios.

Retomar a discussão dos grandes temas de nossa época, das pesquisas e do conhecimento de vanguarda, da interdisciplinalidade, da possibilidade de avaliação das produções setoriais significativas e inovadoras e do sentido da própria atividade universitária não é, entretanto, tarefa que deva ser pensada isoladamente por um grupo de iluminados. Trata-se, antes, de um convite à reflexão sobre nosso tempo, e sobre os possíveis novos significados da vida intelectual no fim do século XX num país desafiador como é o Brasil.

Nesse sentido, são oportunas as advertências de um professor desta Universidade que, recentemente, lembrava estarem as Universidades do Terceiro Mundo *"incluindo em seu projeto básico a gigantesca missão de contribuir para romper as malditas amarras do subdesenvolvimento. Somente elas - muito antes do que a Igreja e, agora, somando forças com a Igreja e outras instituições - têm capacidade para redirecionar a atenção da sociedade e dos Governos para com os humildes e desprotegidos (...). Caberá à Universidade recuperada a gran*

de tarefa de ser a consciência crítica da Nação Brasileira".

(In professor Aziz Nacib Ab'Saber, "Universidade de São Paulo: raízes, mudanças, sobrevivência (1934-1984)". Pronunciamento feito na Abertura do IX Simpósio Anual da ACIESP comemorando o 10º aniversário da ACIESP e o cinqüentenário da USP).

Em síntese, com a criação do IEA a atual Reitoria da USP pretende responder a um dos antigos anseios do corpo acadêmico e oferecer um instrumento a mais para que a instituição se reencontre com sua própria História. Estimula-se, assim, um processo endógeno, porém internacionalista, de reflexão crítica. Advirta-se, desde logo, que o modelo adotado - e que deverá ser aprimorado a partir das sugestões do corpo acadêmico uspiano - **exclui radicalmente o perigo de se transformar o IEA numa universidade dentro da universidade.**

O objetivo não é esvaziar as Faculdades e os Departamentos de suas substâncias; ao contrário. Diversamente de modelos como o "Colégio de México", o "Collège de France" ou a "École Pratique de Hautes Études", (externos à Universidade), o modelo uspiano de Instituto de Estudos Avançados caracteriza-se pela ativação de um espaço de reflexão onde se cultivem os estudos avançados conduzidos por mestres de excelência nacional e internacional, no **interior** da instituição.

II - A NATUREZA DO IEA-USP: SUA "VOCAÇÃO"

Considerações prévias

O Grupo de Estudos instaurador do IEA, designado pelo Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, Professor José Goldemberg, entendeu não caber a si definir desde logo a "vocação" desse centro de reflexão que ora se cria na USP. Cabe ao Grupo de Estudos, antes de tudo, sistematizar algumas observações preliminares, resultantes de inúmeros colóquios e sondagens efetuados junto a colegas representativos das diversas áreas e correntes do conhecimento, bem como resultantes da análise da estrutura e funcionamento de organismos congêneres, como o "Institute for Advanced Study", de Princeton, o "Wissenschaftskolleg zu Berlin", o "Colégio de México", o "Collège de France", a "École Pratique des Hautes Études", além do "National Humanities Center", da Carolina do Norte, do "Humanities Center" da Universidade de Stanford e o "Woodrow Wilson Center" de Washington. Ou, ainda, de sugestões que derivaram de consultas a personalidades como o antropólogo-sociólogo Henri Favre, do CNRS (França), o jurista, historiador e cientista político Raymundo Faoro (Rio de Janeiro, convidado pela atual Reitoria a participar das atividades iniciais do IEA) e o crítico e escritor Antonio Cândido (Profes

sor Emérito da FFLCH-USP), entre outros.

É importante ressaltar também que a proposta de criação de um IEA vem sendo historicamente defendida pela Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo - ADUSP . Neste âmbito, a idéia surgiu em 1979, quando da anistia dos professores aposentados pelos Atos Institucionais. Entre eles estavam vários cientistas e intelectuais de renome que, distanciados da Universidade devido às transformações por ela sofrida durante seu afastamento compulsório, poderiam ser abrigados mais adequadamente no Instituto.

A idéia não teve seqüência, e somente durante a gestão do Professor José Jeremias de Oliveira Filho (FFLCH) criou-se uma comissão de estudos, composta pelos Professores: Gerhard Malnic (ICB), Alberto Luiz da Rocha Barros (IF), Mário Schemberg (IF), Crodowaldo Pavan (IB), Alexandre Martins Rodrigues (IME), Newton da Costa (IME) e Alberto Carvalho da Silva (ICB). No decorrer do II Congresso da USP a idéia foi enfaticamente apresentada e aprovada, (cf. o jornal da ADUSP, nº 9;novembro de 1984, p.16).

Portanto, o Grupo de Trabalho está procurando agora oferecer um lineamento inicial, elaborado a partir de uma série de considerações preliminares que nortearão as primeiras atividades do IEA, com vistas à sua definição e implantação.

Desnecessário afirmar que o aperfeiçoamemto da estrutura e do funcionamento do Instituto de Estudos Avançados dar-se-á a partir das experiências, das críticas e das sugestões do corpo acadêmico da USP, que poderão ser encaminhadas à Reitoria, ou ao Grupo de Trabalho - GE, pessoalmente ou por escrito.

Premissas

Nessa medida o Grupo de Estudos - GE, considerando que:

a. Urge ampliar as oportunidades de intercâmbio de idéias do corpo acadêmico da USP entre si, apresentando os resultados desse intercâmbio a um público que não se limita ao meio acadêmico;

b. A investigação de ponta implica em especialização cada vez maior, e o pesquisador perde freqüentemente contato intelectual com seus colegas de disciplinas vizinhas e até mesmo com seus colegas de sua própria especialidade;

c. Os pesquisadores sentem necessidade de distanciarem de suas atividades normais de vez em quando, para pensarem suas eventuais descobertas à luz do avanço de outras disciplinas, e de examiná-las num campo de conhecimento cada vez maior;

d. Os pesquisadores sentem necessidade de divulgar os resultados de suas investigações (de ponta, a se verificar) através de documentos mimeografados ou xerocopiados e de circulação rápida, porém restrita, em colóquios e simpósios igualmente restritos e de caráter provisório e especulativo;

e. Os pesquisadores devem ter a oportunidade de, ao menos três ou quatro vezes em sua vida profissional, apresentar uma síntese de seus conhecimentos numa obra escrita, dentro de uma perspectiva mais ampla e humanista que, sem ser uma obra de vulgarização, alcance um pú -

blico mais amplo;

f. O encontro de pesquisadores de disciplinas diferentes num meio intelectual propício poderá favorecer uma verdadeira interdisciplinaridades; além disso, num país onde muitos intelectuais de envergadura não possuem títulos universitários, objetiva-se uma forma de integração entre o corpo acadêmico da USP e produtores de cultura de outros tipos de formação;

g. A verdadeira interdisciplinaridade - tal como a concebemos-não deve conduzir ao confusionismo metodológico; essa **interdisciplinaridade** situa-se, antes, no nível da confrontação epistemológica;

h. No campo das Humanidades, ou das "Ciências da Cultura", o problema da interdisciplinaridade se apresenta de modo altamente complexo, envolvendo questões de ordem teórica, política e até estética que não são passíveis de equacionamentos simplificadores, demandando análises que abrangem campos tão diversos como o da Linguagem, da Psicanálise, da Arte, da Antropologia, da Filosofia e da própria História;

i. A USP já atingiu, em várias frentes de pesquisa, um grau de maturidade que solicita uma interlocução mais aguda dessas frentes com outros ramos do saber contemporâneo;

Propõe que:

Objetivos gerais

A reitoria promova a criação de um **Instituto de Estudos Avançados**, que pode ser definido, preliminarmente:

1. Pela sua atenção aos temas, problemas e investigações "de ponta" do pensamento contemporâneo, com vistas ao aprimoramento e à atualização do corpo acadêmico desta Universidade, intensificando os contatos deste com as correntes intelectuais mais significativas e críticas de nosso tempo;

2. Pelo seu caráter interdisciplinar;

3. Pela sua preocupação com as políticas de desenvolvimento científico, tecnológico e cultural e, em seu âmbito, serão realizados estudos sobre o uso social do conhecimento visando uma melhor articulação entre a Universidade e a sociedade.

4. Pela sua preocupação básica em promover a colaboração entre os pesquisadores de países diversos e o corpo docente da USP, e entre este e personalidades da vida cultural, nacional e mundial;

5. Pelo desenvolvimento de suas ATIVIDADES INICIAIS em três níveis:

   a. Conferências do mês;

   b. Estágio de professores universitários, escritores, artistas, intelectuais e pesquisadores de notável saber, que apresentem um projeto de elaboração de uma obra (livro, ensaio, artigo, composição musical, orientação avançada de pesquisa, etc), onde

sintetizem os resultados de suas investigações. Prazo de um ano.

c. Eventos (simpósios, colóquios, mesas-redondas, exposições, programas, debates).

Para atingir tais objetivos gerais, o IEA pode ser concebido da seguinte maneira:

Estrutura geral

1. O IEA não terá quadros permanentes de professores e pesquisadores;

2. O IEA será essencialmente um centro de reflexão. Oferecerá uma espécie de "ano sabático" a docentes-pesquisadores da USP ou a intelectuais de fora que desejem pensar, elaborar e sintetizar numa obra o resultado de suas pesquisas;

3. O julgamento e a seleção dos participantes da Universidade ou de fora dela para estágio junto ao IEA será realizado, uma vez por ano, pelo Conselho Diretor.

4. O IEA abrangerá, em princípio, todas as disciplinas do conhecimento (inclusive as que porventura não constem dos atuais currículos da USP), dependendo de condições práticas e facilidades institucionais, mas não serão definidas quotas de postos (bolsas) para cada disciplina. Observar-se-á equilíbrio entre os chamados cientistas exatos e naturais, e cientistas sociais e pesquisadores das Humanidades em geral;

5. Uma porcentagem dos postos oferecidos a cada ano pelo IEA será reservada a docentes-pesquisadores de outras universidades ou a intelectuais de notável saber, nacionais ou estrangeiros;

6. Durante seu ano de residência, os membros do IEA não terão qualquer outra atividade além da obrigação de realizar o plano de atividade que apresentarão para ingressar no Instituto. Não obstante, serão convidados a oferecer uma ou mais conferências públicas, se o desejarem, e a participar de colóquios informais ou formais com seus colegas do corpo acadêmico da USP, com jornalistas, políticos e outros membros da nova sociedade civil, na sede do Instituto ou fora dele. Serão, ainda, convidados a participar de programas da Rádio USP;

7. Os resultados de seu trabalho poderão ser editados e publicados pela USP (com a anuência do Autor), na coleção Publicações do IEA;

8. De acordo com os interesses de seus membros e/ou a pedido destes, o IEA poderá organizar eventos científicos tais como simpósios, colóquios ou mesas-redondas;

9. O convite aos visitantes poderá ser efetuado:

a. Pelo Conselho Diretor;

b. Por iniciativa do próprio pesquisador interessado. Neste caso, o prazo para o recebimento de propostas de permanência e trabalho no IEA estará aberto de março, até o dia 10 de novembro de cada ano. Tais propostas deverão conter:

- Carta ao IEA
- Curriculum vitae circunstanciado
- Projeto conciso de produção de uma obra

Ao pesquisador interessado solicita-se também a indicação de três especialistas (com endereço) que conheçam sua produção.

GABINETE
DO
VICE REITOR

D.O.nº. 140 - sábado, 26/07/86.

Seção I

Universidade de São Paulo

Reitor
José Goldemberg

REITORIA

PORTARIA GR 2082, DE 23 DE JULHO DE 1986.

Dispõe sobre a constituição do Grupo de Estudos e dá outras providencias

O REITOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais, baixa a seguinte

P O R T A R I A:

Artigo 1º - Fica constituído, diretamente subordinado ao Reitor, Grupo de Estudo incumbido de propor as formas e as condições e seres observadas para criação no âmbito da Universidade, de um Instituto de Estudos Avançados.

Artigo 2º - O Grupo de Estudos será constituido por docentes da USP, designados pelo Reitor, que dentre eles escolherá seu Coordenador.

Artigo 3º - O Coordenador do Grupo de Estudos, no desempenho de suas atribuições, poderá dirigir-se diretamente a quaisquer autoridades e orgãos da Universidade para obtenção de informes ou documentos que repute necessarios.

Artigo 4º - O Gabinete do Reitor, a CODAGE, a CODAC e a Secretaria Geral darão ao Grupo de Estudos apoio tecnico e administrativo.

Portarias do Reitor

De 23/7/86

Designando, os Profs. Drs. CARLOS GUILHERME E. BEIROA DA MOTA, ALBERTO CARVALHO DA SILVA, ALBERTO LUIZ DA ROCHA BARROS e GERHARD MALNIC para, sob a coordenação do primeiro, comporem o Grupo de Estudo a que se refere a Portaria GR-2082/86.

USP urgente

Nº 2

AGOSTO DE 1986

IEA, em formação, inicia atividades dia 25

Está surgindo na USP um novo e decisivo espaço de reflexão interdisciplinar: o **Instituto de Estudos Avançados**. É a concretização de uma histórica aspiração do corpo acadêmico da Universidade, que foi reivindicada e formalizada no 2º Congresso da Universidade de São Paulo, em 1984. Através do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudos instituído pelo reitor José Goldemberg, o Instituto de Estudos Avançados já conta com uma definição preliminar, com uma sede no "campus" (no andar térreo do edifício da Antiga Reitoria) e com um denso roteiro de atividades já programadas, que terão início a partir do dia 25 de agosto.

O IEA, em formação, tem como um de seus principais objetivos articular experiências acumuladas durante mais de meio século de vida da USP com modelos consagrados internacionalmente, como o "Institute for Advanced Study", de Princeton, fundado em 1930, e o "Wissenschtskolleg Zu Berlim", criado em 1981. No caso da USP, segundo a **Proposta de Trabalho** elaborada pelo Grupo de Estudos, "vale enfatizar o modelo de Berlim, indicando que a colaboração interdisciplinar deve ultrapassar a vida cotidiana estanque de algumas escolas que se isolaram do conjunto. E diminuir as barreiras que por vezes os títulos criaram, ao invés de estimular o convívio acadêmico aberto, crítico e democrático".

No entender do Grupo de Estudos, trata-se da criação de um instrumento básico para que a USP reencontre sua própria história, para que se possa aprofundar a crítica que romperá com o burocratismo instalado, nos últimos anos, na maior universidade do país. Burocratismo que, por muito tempo, retirou a USP da cena político-cultural nacional. O IEA deverá retomar a discussão dos grandes temas de nossa época, das pesquisas e do conhecimento de vanguarda, da interdisciplinaridade, da possibilidade de avaliação das produções setoriais significativas e inovadoras, e do sentido da própria atividade universitária.

Mas a instauração de um Instituto de Estudos Avançados na USP não é, e nem poderia ser, uma tarefa a ser pensada isoladamente por um grupo de iluminados. O aperfeiçoamento da estrutura e do funcionamento do IEA dar-se-á a partir das experiências, das críticas e das sugestões do corpo acadêmico da USP, que poderão ser encaminhadas ao reitor, ou ao Grupo de Estudos, pessoalmente ou por escrito. O GE é composto pelos profs. Carlos Guilherme Mota, Alberto Carvalho da Silva, Alberto Luiz da Rocha Barros e Gerhard Malnic, sob a coordenação do primeiro.

Na cerimônia de abertura dos trabalhos do Instituto, no dia 25 de agosto, o reitor José Goldemberg exporá os lineamentos gerais que nortearão o IEA.

RAYMUNDO FAORO FAZ A PRIMEIRA CONFERÊNCIA

Logo após a abertura dos trabalhos do IEA, a ser realizada pelo reitor José Goldemberg na sala do Conselho Universitário, às 17 horas da próxima segunda-feira, dia 25 de agosto, o jurista, historiador e cientista-político Raymundo Faoro fará uma conferência sobre o tema: **Existe um pensamento político brasileiro?**

Raymundo Faoro, autor de uma das análises mais penetrantes sobre a formação do patronato político brasileiro, a obra **Os Donos do Poder**, *e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, será o primeiro pesquisador-visitante do IEA. A conferência será precedida de uma apresentação de sua obra pelo professor Antônio Cândido, professor emérito da FFLCH-USP.*

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Boletim Informativo nº 159 - 21/08/1986

IFUSP

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

Inicia-se dia 25 de agosto próximo, 2ª feira, às 17:00 horas, na sala do Conselho Universitário, as atividades do Instituto de Estudos Avançados em formação, com a conferência de Raymundo Faoro: "Existe um pensamento político brasileiro?". O conferencista será apresentado pelo professor Antonio Cândido.

Na ocasião, o Reitor José Goldemberg fará uma apresentação do novo Instituto da Universidade de São Paulo.

Raymundo Faoro estará ligado a USP durante todo o 2º semestre deste ano, dando seminários e conversando com professores e estudantes de diverses áreas.

O Instituto de Estudos Avançados não terá quadro permanente de participantes e sua administração será a mais simples possível. Será essencialmente um centro de reflexão sobre temas de caráter mais global que os usualmente tratados nas diversas áreas da USP e se definirá basicamente:

1) pela sua atenção aos problemas e investigações "de ponta" do pensamento contemporâneo;
2) pelo seu caráter interdisciplinar;
3) pela sua preocupação com as políticas de desenvolvimento científico, tecnológico e cultural?
4) por promover a colaboração entre os pesquisadores de diversos países e o corpo docente da USP, intensificando os contatos deste com as correntes e personalidades mais significativas da vida intelectual de nosso tempo.

A.L. da Rocha Barros

DATA 29/08 | NÚMERO 160 | ANO 1986

IFUSP BOLETIM INFORMATIVO

EDITORIAL

Acontecimento da maior importância para a vida universitária ocorreu nesta última semana, quando tivemos o início das atividades do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP.

Concebido como centro interdisciplinar de pesquisa e reflexão, o IEA deverá consistir instrumento efetivo para que a Universidade possa voltar a se compreender e a participar de forma mais intensa da vida nacional.

Transcrevo, a seguir, um trecho da apresentação que fez o Professor Antônio Cândido, professor emérito da FFLCH-USP, de Raymundo Faoro, o conferencista da sessão de abertura dos trabalhos do IEA.

"... Estou pensando em coisas como a mobilização de estudantes e professores nas comissões paritárias de 1968, estou pensando na primeira greve de professores do ensino superior oficial em 1979 promovida pela ADUSP, onde um dos subprodutos foi o despertar da luta dos funcionários, último segmento a participar das tentativas renovadoras. Pensando em coisas como estas é que falo do papel das organizações paralelas e das alas móveis, que trazem o fermento da heterodoxia, sem o qual a Universidade não poderá encontrar o novo rumo nos nossos dias de passagem da concepção liberal para concepções mais vinculadas a igualdade econômica e ao direito geral aos diversos níveis de instrução como postula o socialismo. Ora, esse Instituto pode vir a ser um certo tipo, embora mais sistemático, de organização paralela e de ala móvel, podendo significar muito no cultivo do espírito crítico e renovador que nutre as visões heterodoxas, como as nutriu em 1934. Daí a simpatia e a esperança que o Instituto desperta..."

Nelson Fiedler-Ferrari

DATA 25/09 | NÚMERO 164 | ANO 1986

IFUSP BOLETIM INFORMATIVO

Instituto de Estudos Avançados Promove Conferência

"Os limites da Revolução Burguesa no Brasil" é o título da conferência que será proferida pelo Prof. Florestan Fernandes nesta segunda-feira, 29/09/86, às 17:00 horas, na sala do Conselho Universitário. O conferencista será apresentado pelo Professor Octávio Ianni. O evento é promovido pelo Instituto de Estudos Avançados (em formação).

C.C. 2.310

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Escola Paulista de Medicina

São Paulo, 06 de outubro de 1986

Ilmo. Sr.
Prof. Dr. JOSÉ GOLDENBERG
Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo
Prédio da Reitoria
Cidade Universitária
São Paulo - Capital

Magnífico Reitor,

Comunicamos a V. Magnificência que a Comissão de Pós-Graduação da Escola Paulista de Medicina fez inserir em ata da reunião de 27 de agosto passado o que segue: " O Sr. Presidente da Comissão de Pós-Graduação destaca a importância da recente criação, pela Universidade de São Paulo, do Instituto de Estudos Avançados, cujo principal objetivo é o desenvolvimento da pesquisa em inúmeras áreas, através da contratação de intelectuais e cientístas, sem as habituais restrições relacionadas à titulação acadêmica e à carreira universitária".

Cumprimentando-o pela feliz e oportuna iniciativa, reiteramos nossos sentimentos de alta estima e consideração.

Prof. Dr. Aron Jurkiewicz
Presidente da Comissão de Pós-Graduação
da Escola Paulista de Medicina.

IEA
Recebido em 22/10/86

USP
Gabinete do Reitor
Recebido em 20/10/86
Por

FOLHA DE SÃO PAULO - quarta-feira, 30 de julho de 1986

Criação do Instituto de Estudos da USP será analisada amanhã

Do Reportagem Local

O reitor da Universidade de São Paulo (USP), José Goldemberg, 58, deve analisar amanhã as propostas já levantadas por um grupo de trabalho para a criação de um Instituto de Estudos Avançados (IEA) no interior da universidade. De acordo com o professor Carlos Guilherme Mota, 45, que está presidindo o grupo de trabalho —que entre outros membros reúne os professores Alberto Carvalho da Silva e Gerald Malnik, da Biomédicas e da Física, respectivamente—, o IEA funcionará como um "centro de reflexão e diferentemente de outros, como o Colégio de México ou mesmo o Collège de France, e deve ampliar o espaço crítico das faculdades".

Um documento preliminar sobre a estrutura do IEA define-o como "um instrumento a mais para que a universidade se reencontre com a sua história, estimulando o processo endógeno e internacional de reflexão crítica". O IEA terá sua sede na Cidade Universitária —zona oeste de São Paulo— e atuará em três níveis: conferências, exposição de trabalhos e encontros, como mesas-redondas e simpósios.

A primeira conferência será feita já no dia 4 de agosto pelo jurista Raimundo Faoro, ex-presidente da OAB, sob o tema "Existe um Pensamento Político Brasileiro?". Na primeira segunda-feira de setembro, dia 1º, o sociólogo Florestan Fernandes falará sobre "Os Limites da Revolução Burguesa no Brasil".

Grupo levará inventos às indústrias

A Universidade de São Paulo (USP) criou um Grupo de Assessoramento ao Desenvolvimento de Inventos (Gadi) que, segundo a advogada e coordenadora do órgão, Sigea Angela Mercedes Fumo, 44, começa a operar ainda esta semana. O objetivo do órgão é encaminhar a indústrias inventos que tenham sido produzidos no interior da universidade, após o devido registro no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi).

Por falta de um órgão deste tipo, segundo a advogada, muitos inventos feitos na USP acabaram se perdendo e, com isto, também a fonte de recursos para alimentação de novas pesquisas. De acordo com a advogada, alguns inventos já chegaram à sua mesa de trabalho e assim, ao mesmo tempo em que o Gadi vai definindo seu funcionamento, já estará tratando destes casos "para produzirmos os resultados no menor prazo possível". Para a coordenadora do Gadi, este trabalho poderá transpor para a sociedade a produção que é feita dentro da universidade.

Convidados

A exposição de trabalhos, o segundo nível de atuação do IEA, incluirá convites a professores universitários, escritores e pesquisadores, para apresentar projetos —que resultarão na publicação de um livro— onde estará sintetizado o resultado de suas investigações. Para participar do terceiro nível de eventos já está convidado o físico italiano e prêmio Nobel, Carlo Rubbia, para uma palestra sobre "Reflexões Sobre o Nosso Tempo". Para estes encontros também já estão convidados Francisco Fraginals, historiador cubano, e o professor Manoel Correia de Andrade para debater o "Nordeste e a Questão Nacional". O professor Antonio Cândido de Mello e Souza falará sobre "Literatura e Sociedade na América Latina".

IEA, o novo instituto da USP, começa com ciclo de conferências

Começa a funcionar no dia 25 o mais novo instituto da Universidade de São Paulo. Implantado pelo reitor José Goldemberg (foto) o Instituto de Estudos Avançados (IEA), mesmo sem a estrutura concluída, lançará sua primeira atividade: um ciclo de conferências, que vai acontecer a cada mês. O jurista e historiador Raymundo Faoro será o primeiro convidado. O tema de sua palestra: "Existe um pensamento político brasileiro?" Outras já estão confirmadas até o final do ano, inclusive uma do economista John Kenneth Galbraith, em novembro.



Mas será somente a partir de 1987 que especialistas das mais variadas áreas, a convite da universidade, começarão a freqüentar o instituto. Suas atividades: pensar, criar, participar de simpósios, mesas-redondas e conferências e até mesmo sentar para uma conversa informal. "Assim, poderemos reconquistar a interdisciplinaridade perdida", destacou José Goldemberg, que defendeu em sua campanha à reitoria a criação do IEA.

O instituto não terá alunos e não se dedicará à docência ou à pesquisa. "Estas atividades continuam sendo das faculdades, departamentos e outras unidades da USP. Será um centro de reflexão", definiu o professor e historiador Carlos Guilherme Mota, que coordena o grupo de trabalho criado para implantar o projeto. Mota, segundo Goldemberg, será o coordenador geral do IEA, que será instalado no antigo prédio da reitoria, na Cidade Universitária.

Com esta iniciativa, José Goldemberg está atendendo a um dos antigos desejos do corpo acadêmico da USP, que vem sendo manifestado desde 1978. Sua implantação foi também reivindicada e formalizada no 2º Congresso da Universidade de São Paulo, em 1984. Era ainda o sonho dos idealizadores da instituição, na década de 30, que com a criação da Faculdade de Filosofia conseguiram manter a interdisciplinaridade, pelo menos até 1968, quando aconteceu a reforma no ensino. "A Filosofia daquele tempo foi a congregação mais ecumênica que conheci", lembra o reitor.

Este novo espaço "deverá, necessariamente, ultrapassar a vida cotidiana estanque em algumas escolas que se isolaram" e ainda oferecer "um instrumento a mais para que a instituição reencontre sua própria história", definiu Carlos Guilherme Mota. Ele garante que, em nenhum momento, o IEA "vai transformar-se em uma universidade dentro da universidade". Seu objetivo "não é esvaziar as faculdades e os departamentos de suas substâncias". Ao contrário. Diferente de modelos como o Colégio de México, o College de France ou a École Pratique de Hautes Études, unidades externas à universidade, o Instituto de Estudos Avançados da USP "caracteriza-se pela atração de um espaço de reflexão, onde se cultivem os estudos avançados, conduzidos por mestres de excelência nacionais e internacionais, no interior da instituição", explicou.

O número de professores e especialistas que deverão ser convidados a participar do novo instituto vai variar em função da disponibilidade orçamentária. Nesta fase de implantação, os recursos são da reitoria, de particulares e fundações estatais ou privadas, nacionais ou estrangeiras. Sem dispor dos valores exatos do orçamento do IEA, Mota disse que "o total não deverá ultrapassar 40% da dotação investida pela USP".

AS ÁREAS

O Instituto de Estudos Avançados abrangerá todas as disciplinas do conhecimento, "inclusive as que por ventura não constem dos atuais currículos da USP". Nenhuma delas terá um limite de vagas, ou "postos", como prefere denominar Mota. Mas, em cada ano, 20% aproximadamente destes postos serão reservados a docentes e pesquisadores de outras universidades "ou a intelectuais de notável saber" nacionais ou estrangeiros.

Eles vão permanecer durante um ano, ou mais se for preciso, no instituto. E terão uma obrigação: realizar o projeto ou obra que apresentaram para ingressar no IEA. Todos serão convidados ainda a participar de programas da Rádio USP e os trabalhos desenvolvidos, editados pela Edusp, constarão da coleção "Publicações do IEA".

Em setembro, o professor emérito da USP Florestan Fernandes fará a conferência "Os limites da Revolução Burguesa no Brasil". Michel Debrun falará sobre "A identidade nacional e seus problemas", em outubro. Em novembro, além de Galbraith, Luiz Gonzaga de Melo Beluzo estará no IEA, expondo sua palestra "O atual modelo da política econômica do Brasil". O físico Carlo Rubbia, prêmio Nobel de Física de 85, também participará deste ciclo de conferências, com o tema "Por uma nova cosmologia".

FOLHA DE SÃO PAULO - domingo, 24 de agosto de 1986

FSP: 24/8/86

Das 24 milhões de crianças em idade pré-escolar, apenas 3,5 milhões tem obrigação de dar educação a partir dos sete anos.

Reitor anuncia Estudos Avançados

Do Redação do Folha

O reitor da Universidade de São Paulo (USP), José Goldemberg, 57, fará uma exposição amanhã, às 17h, na sala do Conselho Universitário da USP (prédio da Reitoria da Cidade Universitária, zona oeste de São Paulo), para anunciar a proposta e as atividades iniciais do Instituto de Estudos Avançados

Em seguida à exposição de Goldemberg, o jurista, cientista político e historiador Raymundo Faoro fará uma conferência sobre o tema "Existe um Pensamento Político Brasileiro?". Faoro será apresentado pelo professor emérito da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas Antônio Cândido de Mello e Souza.

USP instala Estudos Avançados

Inspirada no exemplo da universidade de Princeton, nos Estados Unidos, a Universidade de São Paulo instalou ontem o Instituto de Estudos Avançados (IEA), "que não será uma faculdade para competir com nossas outras escolas, mas para resgatar a intenção que existia quando a USP foi criada", definiu o professor José Goldemberg, reitor da instituição, no discurso feito aos convidados que lotavam a sala do Conselho Universitário, numa das poucas oportunidades em que ele se abrin ao público.

A idéia da criação de um instituto como este, prosseguiu Goldemberg, originou-se na necessidade de a USP voltar à "interdisciplinalidade que muitas vezes foi expressa por Fernando de Azevedo, Júlio de Mesquita Filho e inúmeros outros fundadores da universidade". O reitor disse também que quando instalou a comissão que estudou a criação do IEA "quis dar um novo entusiasmo à universidade, fazendo com que a interdisciplinalidade fosse a regra e não exceção".

O Instituto de Pesquisas Avançadas pretende ser um local de pesquisa e reflexão, onde os convidados ("pessoas eminentes nas suas áreas, mas cuja eminência vai ser definida pelas suas realizações e não pelas titulações", segundo o reitor) poderão discutir com alunos e professores questões extras ao currículo.

José Goldemberg comentou ainda a experiência que teve fora da universidade, trabalhando no governo do Estado, o que segundo ele serviu de motivação para instalar o IEA. "Percebi, como aliás muitos devem ter percebido — e para isso não é preciso ocupar nenhum cargo público, basta assistir ao debate dos candidatos ao governo —, que os problemas que aparecem diante dos governantes, ou mesmo dos candidatos, não são de Física, Química, Matemática, Direito ou Engenharia. São problemas que englobam os ingredientes dessas várias especialidades."

E citou um exemplo: como presidente da Eletropaulo, jamais utilizou seus conhecimentos em Física e Engenharia; baseou-se muito em informações de um grupo de cientistas "que acabou criando um tipo de tarifa social que permitiu eletrificar todas as favelas da Grande São Paulo". Com essa percepção, Goldemberg instalou o Instituto de Estudos Avançados, que ontem teve sua primeira utilidade, marcada pela palestra do jurista Raymundo Faoro. Para Faoro, a iniciativa do reitor foi "realmente revolucionária".

Após a palestra, José Goldemberg anunciou novos debates e relançou a revista da Universidade de São Paulo, que teve apenas um número, editado há 34 anos.

Goldemberg instala o Instituto de Estudos

Do Reportagem Local

Em solenidade no salão nobre do Conselho Universitário da Universidade de São Paulo (USP), foi instalado ontem o Instituto de Estudos Avançados da instituição, voltado para pesquisas políticas, econômicas e sociais. O reitor da USP, José Goldemberg, 57, abriu o evento às 17h16, falando sobre a importância de se criar um instituto no qual a interdisciplinariedade predominasse.

Às 17h25, Antônio Candido de Mello e Souza, 67, professor aposentado de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, disse que o IEA pode se tornar uma "organização paralela, que traz os fermentos atualizadores e de heterodoxia". Às 17h34, o jurista Raymundo Faoro, 61, iniciou sua palestra, cujo tema era "Existe o pensamento político brasileiro?". O jurista afirmou que, na USP, "se questionou a realidade tida como dogmática" e que havia uma estrutura cultural "coerente e articulada com o pensamento universal".

A solenidade foi encerrada às 18h46, quando o reitor Goldemberg convidou os presentes para o lançamento da Revista da USP nº 1, no Clube dos Professores (*veja reportagem abaixo*). A "Revista da USP" nº 1 foi lançada em 1950. O coordenador de atividades culturais da USP, Orlando Miranda, 46, disse que a continuidade da revista representa "um projeto da USP de se abrir e voltar a ocupar o seu lugar na sociedade brasileira".



O lançamento de "Revista da USP" foi realizado no Clube dos Professores

Clube serve professores da USP

Uma casa de estilo europeu, com 300 m², localizada no viveiro de plantas da USP, na Cidade Universitária, zona oeste de São Paulo. Trata-se do Clube dos Professores da USP, construído para os momentos de repouso dos docentes da instituição, com entrada proibida para os estudantes.

Com salas de estar, lareira, televisão e, em algumas ocasiões, música ao vivo, os professores da USP contam atualmente com os serviços de um bar que oferece sanduíches, porções de frios, saladas e patês, além de bebidas nacionais e importadas, refrigerantes e chope. "A idéia veio tarde", diz o professor João Teodoro D'Olim Marote, 60, da Faculdade de Educação (Feusp). Ele diz que na maioria das universidades estrangeiras existe um centro de vivência. "O campus é grande e os professores não se conhecem. É uma ocasião de troca de idéias em todos os setores", acrescentou.

O coordenador da Coseas (Coordenadoria de Saúde e Assistência Social —responsável pelo clube), Wanderley Messias da Costa, 36, disse que a idéia de construir um espaço "de certa privacidade" para os professores é antiga. O projeto inicial de construção de um clube de professores, segundo afirmou, teve início na gestão do ex-reitor Hélio Guerra Vieira. Mas o clube só foi construído este ano, com recurso do Fundo da USP (custo aproximado de Cz$ 300 mil), e inaugurado no dia 13 de junho.

Antigo depósito de material de construção, o Clube de Professores serve para eventos, tais como a chegada de professores-visitantes, posses da reitoria e associações, esquetés e lançamentos de publicações. No próximo mês, o clube terá inaugurado o restaurante. "Talvez seja a obra de maior aceitação por parte dos professores", disse Wanderley.

USP

Avanço à vista

Ao retornar da Universidade de Princeton, onde esteve como pesquisador entre 1977 e 1982, o professor José Goldemberg trouxe, para a Universidade de São Paulo, horizontes mais amplos à Física, ciência que ensina; e, para si, um ideal: o de formar na USP algo similar ao Institute Advanced Study, que tanto o impressionara em Princeton. No início deste ano, ao tomar posse na Reitoria da USP, Goldemberg espantou-se com o esvaziamento cultural da universidade, fruto das sucessivas crises políticas e administrativas que caíram sobre ela nos últimos tempos. Decidiu buscar, então, no seu antigo projeto o remédio ideal para o esmorecimento da USP. E, apenas há sete meses como reitor, Goldemberg já pode anunciar, com amplo apoio da comunidade acadêmica da Universidade de São Paulo, a abertura do Instituto de Estudos Avançados da USP, marcada para o próximo dia 25.

"Além de contribuir para o reerguimento cultural da USP e para o seu desenvolvimento científico, o Instituto promoverá a reintegração das diversas faculdades e departamentos", explica Goldemberg. "Com o Instituto de Estudos Avançados, a USP será lançada no centro do debate político e científico nacional", faz eco o historiador Carlos Guilherme Mota, coordenador do grupo de criação do Instituto. Na opinião de Mota, foi justamente o critério do saber interdisciplinar e crítico, a que se propõe o Instituto, que apontou o advogado e historiador Raymundo Faoro como um dos intelectuais brasileiros mais qualificados não só para a conferência inaugural mas, também, para se tornar o primeiro integrante, de fato, do novo Instituto.

Assim, dia 25, Faoro pisará o anfiteatro da Reitoria da USP para falar sobre o tema "Existe um pensamento político brasileiro?". A partir daí, ele terá uma sala no antigo prédio da reitoria, onde funcionará o Instituto, e estará ligado a ele até dezembro para pesquisar, refletir, promover seminários e discutir com outros pensadores e cientistas o que é - ou seria - um pensamento político nacional. Faoro receberá mensalmente pelo seu trabalho o mesmo que ganha um professor titular da USP, ou seja, cerca de Cz$ 20 mil. O Instituto se viabiliza - e vai recolher colaboradores importantes, como Faoro - graças a uma verba de Cz$ 1 milhão para a sua implantação, e que deverá passar a Cz$ 4 milhões no ano que vem. Já recebeu, também, doações de empresários como José Mindlin, Antônio Ermírio de Moraes, Olavo Setúbal e do Banco Safra - cada uma correspondendo a US$ 15 mil.

Se a primeira inspiração para a criação do Instituto de Estudos Avançados na USP foi Princeton,



Goldemberg: pensar um novo Brasil

onde se concentram os trabalhos em algumas disciplinas, a necessidade da promoção na USP de uma interdisciplinidade fez com que seus organizadores olhassem também para o Instituto de Berlim, onde a discussão científica é mais abrangente. "No caso da USP, vale enfatizar esse modelo, indicando que a colaboração interdisciplinar deve ultrapassar a vida cotidiana estanque de algumas escolas que se isolaram do conjunto", frisa a minuta de formação do Instituto da USP. Assim, segundo Goldemberg, "será observado um critério de equilíbrio entre os chamados cientistas exatos e naturais, e os cientistas sociais e pesquisadores das Humanidades em geral".

Além de Raymundo Faoro, o calendário do Instituto prevê as seguintes conferências: no dia 29 de setembro, o professor Florestan Fernandes, da própria USP, falará sobre "Os limites da Revolução Burguesa no Brasil". No dia 27 de outubro, o conferencista será o professor da Unicamp Michel Debrun, que abordará "A identidade nacional e seus problemas". Em novembro, além do chefe da Assessoria Especial do Ministério da Fazenda, Luiz Gonzaga Belluzzo, que tratará do tema "O atual modelo da política econômica do governo", está confirmada a presença do economista americano John Kenneth Galbraith.

Ao contrário das conferências, abertas ao público, estão marcados também alguns colóquios - uma discussão restrita a pequenos círculos de cientistas. Entre esses colóquios, destaca-se o que está previsto para outubro. O tema será "Reflexões sobre o nosso tempo", e dele participarão o italiano Carlo Rubia, Prêmio Nobel de Física de 1985, Georges Dumézil, do Collège de France, Jean Staro, da Universidade de Paris, Francisco Moreno Fraginals, de Cuba, Riccardo Campa, da Itália, e Raymundo Faoro. Para março de 1987, o Instituto de Estudos Avançados da USP já programou quatro exposições do professor Antônio Cândido, sobre "Literatura e sociedade na América Latina".

Apesar de uma programação que promete pôr o Instituto a pleno funcionamento, tanto Goldemberg como Mota fazem questão de lembrar que não se tratará, jamais, de formar uma outra universidade dentro da USP. "O Instituto será essencialmente um centro de reflexão", diz Mota. "O Instituto não terá alunos e não se dedicará à docência, ficando isso por conta das faculdades e departamentos." Segundo Goldemberg, o Instituto de Estudos Avançados da USP oferecerá a oportunidade a docentes e pesquisadores, da USP, ou a intelectuais de fora da universidade, que desejem pensar, elaborar e sintetizar numa obra o resultado de seus trabalhos. "O Instituto não juntará as atividades das faculdades", diz Goldemberg. "Ao contrário, será a ativação de um espaço de reflexão de diversas disciplinas que subsidiará intelectualmente a própria universidade e a sociedade brasileira."

A.C.P.

Educação

Novos ventos

USP abre Instituto de Estudos Avançados

Identificada aos moldes convencionais dos cursos de graduação e pós-graduação e habituada a funcionar no ritmo lento dos rituais acadêmicos, a universidade brasileira vai ganhar, esta semana, uma maneira mais ágil e menos segmentada de desenvolver e transmitir conhecimentos. A Universidade de São Paulo, com quase 47 000 alunos, a maior do Brasil, inaugura o seu Instituto de Estudos Avançados. Com uma verba inicial de 1,4 milhão de cruzados, pretende trazer de volta professores afastados da universidade e contar também com a contribuição de intelectuais desvinculados do meio acadêmico. Os convidados terão um prazo de seis meses a um ano para desenvolver pesquisas na área que desejarem. "É mais importante até que a criação do Ministério da Cultura", garante o jurista Raymundo Faoro, 61 anos, que fará a conferência inaugural nesta segunda-feira, sobre o pensamento político nacional.

Com o passar do tempo, a universidade perdeu a interdisciplinaridade. "Estamos propondo que cada um saia de sua própria área e troque conhecimentos. Vamos tratar dos problemas por inteiro", diz o reitor da USP, o físico José Goldemberg, 58 anos.



Goldemberg: menos segmentação



Estudantes da UFRJ e favelados do Fundão: um programa de troca de conhecimento

Não se restringir a acadêmicos é uma condição obrigatória. Para Goldemberg, a universidade perdeu muito ao se atrelar à exigência de títulos. "Um escritor como Jorge Amado jamais seria nosso professor", diz ele. Títulos e diplomas não serão, contudo, discriminados. Entre os outros convidados para os debates estão Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Michel Debrun, o economista John Kenneth Galbraith e o Prêmio Nobel de Física italiano, Carlo Rubia.

Corpo autônomo da universidade, embora recebendo da USP 51% de sua verba — doações particulares garantem o restante —, o IEA não oferecerá diplomas ou títulos nem competirá com as faculdades. Exatamente como nos institutos estrangeiros em que se inspira: o Collège de France, fundado em 1530, em Paris, e o Institute for Advanced Studies, de Princeton, nos Estados Unidos, que existe há 56 anos e já abrigou celebridades como o matemático Johannes Von Neumann, considerado o pai da computação, e o físico Albert Einstein. ●

Ao lado do alvo

UFRJ leva o campus aos vizinhos carentes

Até pouco tempo atrás enviar um punhado de estudantes para os confins da Amazônia era sinônimo de uma boa política de extensão universitária. Eles atendiam populações carentes e voltavam para casa com a sensação de dever cumprido, enquanto essas populações aguardavam novos enxames milagrosos. Disposta a encurtar as viagens e a driblar o velho tom assistencial, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) resolveu concentrar as atividades de extensão ao redor de seu campus, na Ilha do Fundão, onde 100 000 pessoas vivem, precariamente, em nove favelas.

Para isso, a direção da UFRJ criou o Projeto Campus da Maré — o mesmo nome da maior das favelas da região. Sua primeira providência foi instalar, na semana passada, um curso de capacitação profissional destinado a jovens entre 14 e 18 anos. Setenta alunos aprenderão um ofício nas áreas de mécanica, construção civil, gráfica, nutrição e alimentação, além de receber refeições gratuitas no restaurante universitário e uma bolsa de 400 cruzados. Os alunos da UFRJ serão os professores e receberão uma ajuda de custo de 900 cruzados. Os alunos deverão freqüentar a escola regular durante a noite. "Nosso objetivo é possibilitar a troca dos saberes acadêmico e popular", explica o professor Moacyr de Goes, 56 anos, superintendente-geral de desenvolvimento e extensão da UFRJ. Essa troca já está sendo experimentada pelos dezoito monitores do programa. "Aquilo para mim era um outro mundo", diz Lucinda Caetano, 22 anos, estudante de Arquitetura. "A gente passava por lá de carro e nem olhava."

Entre os favelados, o programa, que vai custar aos cofres da universidade 4,2 milhões de cruzados, também foi festejado com entusiasmo. Entre outros resultados práticos, proporcionará a construção de dois centros de saúde até o fim do ano e uma grande variedade de cursos, como o da Faculdade de Enfermagem, que ensinou primeiros socorros a crianças que cuidam de irmãos menores. ●

O foro dos intelectuais

8-09-86 p. 12

A vinda do professor John Keneth Galbraith a São Paulo em novembro, para falar sobre "O controle de armamentos e o poder militar", é um dos resultados da criação de um foro novo: o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Um instituto que está sendo gerado "para que a Usp posssa responder a uma antiga reivindicação de seus docentes", como explica o professor Carlos Guilherme Mota, que preside o grupo de estudos para sua criação:

— Temos um ponto de partida dado pela própria comunidade acadêmica, que no II Congresso da USP, em 1984, sugeriu a criação desse Instituto de Estudos Avançados. Essa é também uma proposta que constava do programa do professor José Goldemberg, durante sua campanha para reitor da USP, além de ter sido discutida na SBPC.

Mota integra essa comissão, em companhia de Alberto Carvalho da Silva, presidente da Fapesp, Alberto Luis da Rocha Barros, físico, Gerhard Malini, do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, e também com a participação direta do vice-reitor, Roberto Leal Lobo Filho. O Instituto, nessa sua fase de implantação, está recebendo propostas e sugestões:

— Na perspectiva dessa reitoria, a tarefa prioritária é a de estimular a criação de novos mecanismos de promoção da ciência e dos cientistas, das artes e dos artistas. Em última análise, da própria sociedade, que se quer reconhecer nessa instituição eminentemente pública.

Valorizando sempre o trabalho interdisciplinar, o Instituto de Estudos Avançados terá uma conferência por mês, sempre na última segunda-feira. Série já iniciada no último dia 25, com a conferência do jurista, historiador e cientista político Raimundo Faoro, com o tema "Existe um pensamento político brasileiro?". A conferência do dia 29 de setembro (na sala do Conselho Universitário, na reitoria), será do professor Florestan Fernandes, que vai falar sobre "Os limites da revolução burguesa no Brasil". Em novembro, no dia 27, o professor Michel Debrun, da Unicamp, falará sobre "A identidade nacional e seus problemas".

— Vamos reunir intelectuais do máximo nível, nas conferências, nos colóquios e debates, criando condições para que possam trabalhar e pôr em discussão os grandes temas de nossa época, das pesquisas e do conhecimento de vanguarda e até ajudar a pensar o próprio sentido da atividade universitária, explica o professor Carlos Guilherme Mota.

O Instituto também será "um instrumento a mais para que a universidade venha a se reencontrar, no fundo, com a sua própria história, com o trabalho interdisciplinar e a reflexão sobre os temas contemporâneos, com a atualização e discussão do que é vanguarda, do que é pesquisa de ponta. Isso será feito com o objetivo de se criar "um ambiente onde os pesquisadores possam pensar suas eventuais descobertas, à luz do avanço de outras disciplinas e ante a possibilidade de examiná-las num campo de conhecimento cada vez mais amplo. Vemos, dentro da universidade, que os pesquisadores têm sentido a necessidade de divulgar os resultados de suas investigações através de documentos de circulação rápida", explica o professor Mota.

Correntes Significativas

Dentro dos planos de formação do Instituto está ainda a criação de uma linha de publicações, entre elas os Cadernos do Instituto de Estudos Avançados. Além disso, haverá um conjunto de **scholars**, convidados a produzir — no prazo de um ano — um ensaio, uma composição musical, um livro. Será intensificado também o contato do corpo acadêmico da USP, "com as correntes intelectuais mais significativas e críticas do nosso tempo".

Nesse contexto, já está programado um dos colóquios do Instituto, para outubro, com o tema "Reflexões sobre o nosso tempo". Dele participarão Carlo Rubbia, prêmio Nobel de Física de 1985, Georges Dumézil, do College de France, Raymundo Faoro, Jean Starobinski, da Universidade de Paris, Francisco Moreno Fraginals, de Cuba, e Ricardo Campa, da Itália.

O IEA abrangerá, em princípio, todas as disciplinas do conhecimento, inclusive as que por acaso não constem dos atuais currículos da USP. Mas não serão definidas quotas de bolsas, para cada disciplina.

— Vamos convidar intelectuais, pesquisadores, professores do Brasil ou do Exterior, que serão pagos por seis meses a um ano, pelo seu trabalho. Embora sem definir tais quotas, vamos tentar observar um equilíbrio entre os chamados cientistas exatos e naturais e dos cientistas sociais e pesquisadores das Humanidades em geral. Uma coisa é certa: durante o período de residências — seis meses a um ano — os membros do IEA não terão qualquer outra atividade além da obrigação de realizar o plano de atividades que apresentarão para ingressar no Instituto, explica o professor Mota.

Segundo o professor, a presença desses residentes será compartilhada com todos os membros da sociedade civil: "Serão convidados a fazer uma ou mais conferências públicas, se desejarem, e a participar de colóquios formais ou informais com seu colegas do corpo acadêmico da USP. Também com jornalistas, políticos ou sindicalistas, por exemplo.

A criação do IEA também representa para Carlos Guilherme Mota uma oportunidade de a universidade — fechada em si mesma ao longo dos anos do autoritarismo — retomar seu papel na sociedade. "Nós nos damos conta de que a universidade ficou inacessível." Essa então será uma das tarefas do Instituto: criar um pólo a mais para a aglutinação do corpo academico entre si. Do corpo acadêmico para fora da universidade, e daí uma vinculação com o exterior.

— Na nossa concepção, com as pessoas de máximo saber reunidas — no começo serão de sete a dez e num momento máximo, de 15 a 20 — poderemos recuperar um pouco daquele esboço de interdisciplinaridade que a USP exercitou, mesmo, em seu início. Uma das idéias fundamentais é ajudar na refermentação de hipóteses.

Temperatura do Instituto

O Instituto também se propõe a trabalhar vários temas selecionados com profundidade, como o tema que será abordado pelo professor Antônio Cândido: "Os radicalismos brasileiros", focalizando a obra de Manoel Bonfim, um dos precursores da chamda "teoria da dependência".

Para abril do ano que vem já está programado um colóquio sobre "O Nordeste e a questão nacional", organizado pelo geógrafo e historiador Manoel Ferreira de Andrade. Isso mostra a "temperatura" do Instituto, comenta Mota, lembrando que também virão ao Brasil o físico Samuel Mac Dowell e o historiador inglês Cristopher Hill. Estão sendo estruturados ainda outros três colóquios: "A reserva de mercado como mecanismo de desenvolvimento tecnológico", coordenado pelo vice-reitor Roberto Leal Lobo Filho; outro sobre "Os militares e a questão nacional"; e um terceiro, sobre a obra do professor Mário Schemberg, coordenado por Alberto Nunes da Rocha Barros.

Cláudio Bozzo

JORNAL DA TARDE - segunda-feira, 8 de setembro de 1986

JORNAL DO CAMPUS nº 28 - São Paulo, 11 de setembro de 1986
Co-editado pelo Departamento de Jornalismo e Editoração/ECA-USP e IPCJE

contribuir com a multiplicação do Campus. Veja o que aconteceu na página 3.

IEA: um centro de reflexão



Carlos Guilherme Motta

A criação de um Instituto de Estudos Avançados na Universidade de São Paulo impõe a retomada de alguns pontos fundamentais da própria história de nossa instituição. Trata-se, em certa medida, de resgatar o espírito que presidiu a fundação da USP e a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1934. Isto é, a idéia de estimular a "ciência fundamental", numa criativa perspectiva humanista, interdisciplinar e — vale ressaltar — internacionalista. Idéia básica, que foi sendo esvaziada ao longo de conjunturas nacionais difíceis, e deturpada pelas vicissitudes de uma Universidade complexa e hiperburocratizada.

Ao mesmo tempo, o IEA pretende ser um salto no futuro, um instrumento para repensar a USP em suas múltiplas funções de pesquisa, de ensino, de formadora de profissionais para a nova sociedade civil. O que está posto, é a construção de um novo e decisivo espaço de reflexão interdisciplinar, capaz de ultrapassar a vida cotidiana estanque das unidades universitárias, diminuir as barreiras que por vezes os títulos criaram e estimular o convívio acadêmico aberto, crítico e democrático.

O IEA deverá retomar a discussão dos grandes temas de nossa época, das pesquisas e do conhecimento de vanguarda, da interdisciplinaridade, da possibilidade de avaliação de produções setoriais significativas e inovadoras, e meditar sobre o sentido da própria atividade universitária. Em termos práticos, o IEA constitui uma proposta de articulação de um fórum central, onde os membros da comunidade acadêmica da USP possam intercambiar idéias entre si, convidando colegas a atravessar as fronteiras de suas especialidades e a interagir com cientistas, pensadores, artistas e escritores de projeção nacional e internacional.

Em síntese, com a criação do IEA a atual Reitoria da USP pretende responder a um dos antigos anseios do corpo acadêmico, oferecendo um instrumento a mais para que a instituição se reencontre com sua própria História. Estimula-se, assim, um processo endógeno, porém internacionalista, de reflexão. Advirta-se, porém, que o objetivo não será jamais o de esvaziar as Faculdades, os Departamentos e os museus de suas substâncias; ao contrário. Diversamente de modelos como o Colégio de México, o Collège de France *ou a* École Pratique de Hautes Études, *externos à Universidade, o IEA da Universidade de São Paulo estará caracterizado pela ativação de um espaço de reflexão onde se cultivem os estudos avançados conduzidos por especialistas de excelência nacional e internacional, no interior da instituição.*

Desnecessário afirmar que a formação de um Instituto de Estudos Avançados na USP não é, e nem poderia ser, uma tarefa a ser pensada isoladamente por um grupo de "iluminados". O aperfeiçoamento da estrutura e do funcionamento do IEA dar-se-á a partir das experiências, das críticas e das sugestões do corpo acadêmico da USP, que poderão ser encaminhadas ao reitor, ou ao Grupo de Estudos (*) encarregado de viabilizar a implantação do Instituto, pessoalmente ou por escrito.

(*) O Grupo de Estudos, nomeado pelo reitor, é composto pelos profs. Carlos Guilherme Mota, Alberto Luiz da Rocha Barros, Alberto Carvalho da Silva e Gerhard Malnic, sob a coordenação do primeiro.

FOLHA DE SÃO PAULO - quarta-feira, 15 de outubro de 1986

* O matemático francês Jean-Louis Koszul, 65, fará hoje às 16h uma palestra na sala do Conselho Universitário da USP sobre o "grupo Bourbaki", cientistas que se propuseram fazer um tratado com os fundamentos da Matemática, alguns dos quais estiveram lecionando na USP.

JORNAL DA TARDE - quarta-feira, 15 de outubro de 1986

O professor Jean Louis Koszul, da Universidade de Grenoble, na França, fará, às 16 horas, na biblioteca do Conselho Universitário da USP, na Cidade Universitária, conferência sobre "A Ciência do grupo Bourbaki(O contexto universitário e científico do nascimento do grupo Bourbaki e sua história de 1935 a 1950)". O conferencista está em São Paulo a convite do Instituto de Estudos Avançados da USP. Será apresentado ao público pelo professor Alexandre Augusto Martins Rodrigues, do Instituto de Matemática e Estatística.

FOLHA DE SAO PAULO - 29 de setembro de 1986

Instituto promove hoje palestra de Florestan na USP

Da Redação da Folha

O Instituto de Estudos Avançados (em formação) da Universidade de São Paulo (USP) prossegue hoje suas atividades iniciais com a conferência do professor emérito da USP Florestan Fernandes, que falará sobre "Limites da Revolução Burguesa no Brasil". A palestra terá lugar na sala do Conselho Universitário (CO), prédio da reitoria, Cidade Universitária, zona oeste de São Paulo, às 17h. O evento será aberto ao corpo acadêmico da USP e ao público em geral.

O ciclo de conferências continuará no dia 27 de outubro, quando o filósofo Michel Debrun, da Universidade Paulista de Campinas (Unicamp) falará sobre "A Indentidade Nacional e seus Problemas".

FOLHA DE SAO PAULO - 30 de setembro de 1986



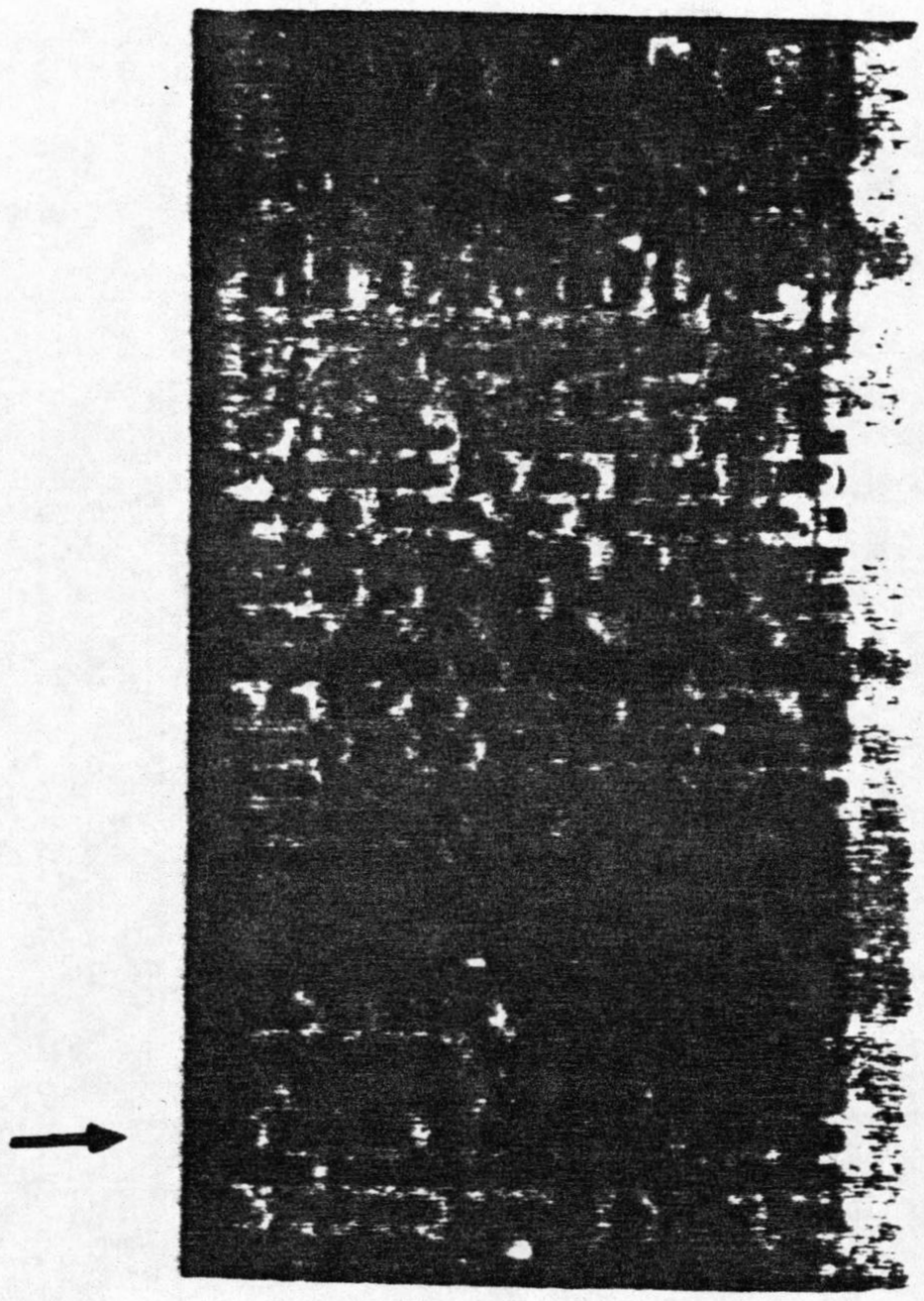
FLORESTAN FAZ PALESTRA NA USP

O Instituto de Estudos Avançados (em formação) da Universidade de São Paulo deu continuidade, ontem, às 17h30, às suas atividades mensais com a conferência do professor emérito da universidade, Florestan Fernandes, 65 (foto). Diante de um público de cerca de 180 pessoas, Florestan falou sobre "Limites da Revolução Burguesa no Brasil". A palestra ocorreu na sala do Conselho Universitário da USP, prédio da reitoria, Cidade Universitária, zona oeste de São Paulo, e foi presidida pelo vice-reitor Roberto Leal Lobo e Silva Filho. Florestan Fernandes inicialmente lembrou de fatos históricos da revolução burguesa de diversos países da Europa e afirmou que "a burguesia foi uma classe que conseguiu seus espaços históricos e transformar o mundo".

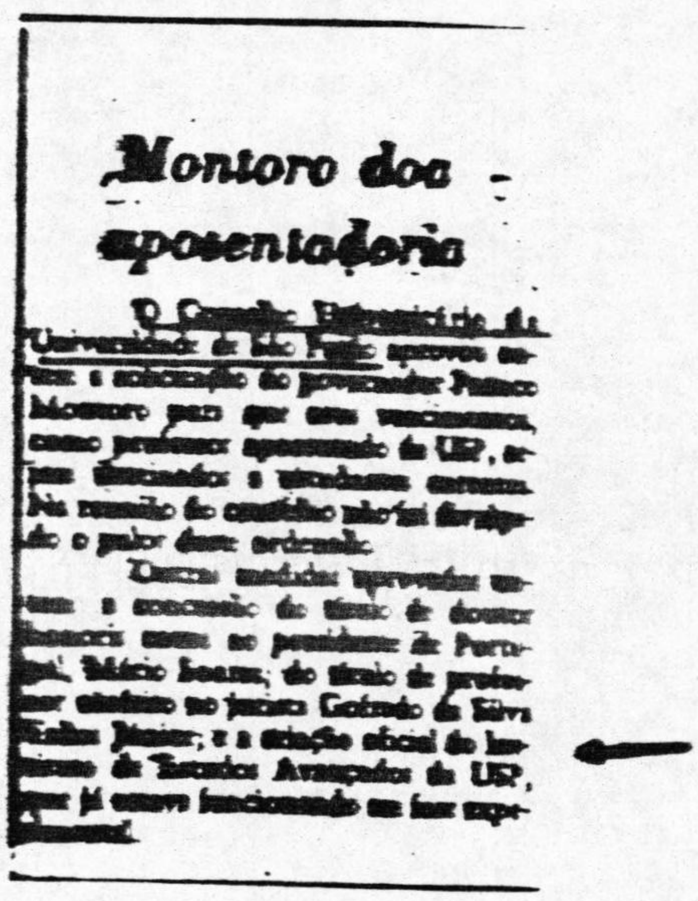
FOLHA DE SÃO PAULO - quinta-feira, 16 de outubro de 1986.



FOLHA DE SXO PAULO - quarta-feira, 22 de outubro de 1986



O ESTADO DE SXO PAULO - quarta-feira, 22 de outubro de 1986



Monitoro dos aposentadoria

O Conselho Universitário da Universidade de São Paulo aprovou ontem a indicação do governador Franco Montoro para que seja reconhecido, como professor aposentado da USP, o ex-ministro e ex-governador Antonio Delfim Netto. Na reunião do conselho também foi julgado o pedido de reintegração.

Outras medidas aprovadas ontem: a concessão do título de doutor honoris causa ao presidente de Portugal, Mário Soares; do título de professor emérito ao jurista Goffredo da Silva Telles Júnior; e a criação oficial do Instituto de Estudos Avançados da USP, que já estava funcionando em fase experimental.

esquema tancredista. Sarney, embora homem do sistema de poder, nunca conseguira um melhor relacionamento na área militar. Contava escassos amigos entre os generais, ainda que entre estes pudesse citar o do hoje ministro Leônidas Pires, com quem mantinha contatos de vez em quando. O general Leônidas, porém, era uma exceção, à época. Bem entrosado no meio civil, ele conversava freqüentemente com jornalistas e políticos. No geral, Sarney só encontrava dificuldades na área da caserna. E particularmente depois que deixou a presidência do PDS andou reclamando a amigos das pressões do meio militar contra a sua atitude.

A primeira chave para que Sarney conseguisse alterar esse estado de coisas surgiu ainda nos tempos da pré-formação do governo Tancredo Neves. O astuto mineiro estava com um problema justamente na área militar: quem escolheria para ser ministro do Exército? Havia um candidato ostensivo, o general Walter Pires, que já era o ministro do governo Figueiredo e pretendia permanecer no cargo, em troca da aceitação à mudança do regime. Pires, segundo se dizia, já comunicara o fato até mesmo ao Alto Comando do Exército, garantindo que a eleição de Tancredo não significaria qualquer perigo para a área militar, devido aos "compromissos" assumidos. No entanto, Tancredo sabia que não poderia manter Pires no Ministério, sob pena de enfrentar problemas na sua própria área de sustentação política. A solução, concluiu, depois de várias conversas com os amigos e articuladores Marco Maciel e Sarney, seria antecipar a escolha de um outro general, e torná-la um fato consumado. Mas quem? Foi aí que Sarney aproveitou a oportunidade: sugeriu o nome do amigo Leônidas, afinal um general de boa imagem no meio civil. Tancredo aceitou e foi Sarney o emissário do convite.

A partir daí, Sarney, certamente, abriu caminho para uma melhor aceitação no meio militar. E assim pode-se entender facilmente por que o general Leônidas defendeu a sua posse com grande firmeza, na tumultuada noite do 14 de março de 1985, quando Tancredo foi hospitalizado. Em pouco tempo, o general conseguira convencer os seus



Hélio Campos Mello

Distribuição de bombons

colegas de que Sarney, no mínimo, era um mal menor para os militares. Conservador, com raízes no antigo esquema governista, seria um presidente até melhor do que Tancredo, se considerados os interesses da caserna. Logo depois da posse, os chefes fardados reconheceram rapidamente que Leônidas estava certo. E passaram a se entender muito bem com o novo presidente, que, já nos primeiros dias de mandato, rejubilava-se de ter conseguido armar o que chamava de "um bom esquema militar".

Sarney, como homem do antigo regime, dava e sempre dará grande importância ao apoio fardado. Nos primeiros tempos de governo, pode-se dizer que ele até o cultivou, recebendo com freqüência os chefes fardados em sua residência oficial, o Palácio da Alvorada, e mesmo no sítio do Pericumã, onde passa os fins de semana. Em breve, o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, tornou-se um dos seus mais respeitados conselheiros. E o general Leônidas, assim como o general Bayma Denis, chefe da Casa Militar, chegou a participar de reuniões de governo nas quais, a rigor, não teria o que opinar, por estar o assunto inteiramente fora de sua área.

Esses sinais de um entrosamento cada vez maior de Sarney com os chefes militares foram confirmados, integralmente, em fins do ano passado, quando se anunciou a aprovação do programa FT-90, que abre novos recursos financeiros para a modernização do Exército. Até então, os chefes fardados reclamavam do corte de verbas que lhes fora imposto, nos últimos 12 anos, pelo próprio regime militar – a ponto de a participação das Forças Armadas no orçamento haver decrescido de 8% para 2,5%, de 1972 a 1985. O resultado, constatavam, era uma Força Armada praticamente desarmada, com equipamentos obsoletos. Seria preciso reequipá-la urgentemente. Essa era a idéia-base do FT-90, ou Força Terrestre 1990, um plano que, em três anos, daria ao Exército novos equipamentos individuais para a tropa (não somente fuzis, mas roupas e alimentos), novo equipamento operacional (armas, mísseis, veículos, armamento sofisticado e material de engenharia), além dos sonhados blindados modernos, indispensáveis para a guerra dos dias de hoje.

Tudo isso custaria muito dinheiro, é claro, e a decisão do presidente Sarney de aprovar a imediata realização do plano só veio a demonstrar a sua extraordinária boa vontade para com a Força Armada. O FT-90 significa um dispêndio inicial de US$ 500 milhões nos anos de 1986 e 1987, além de uma nova massa de recursos que será incluída no PND a partir de 1988 e até 1990. Aí se explica, também, o entrosamento cada vez maior da cúpula fardada com o presidente da República. Resta saber o que pensam disso os futuros constituintes.

Num mesmo país chamado Brasil

A democracia do general Leônidas não é a de Faoro

Antonio Carlos Prado

O dia foi o mesmo, segunda-feira, 25 de agosto. Diferentes foram os oradores, as cidades em que falaram, o público que os aplaudiu e os pensamentos que expressaram. Em Brasília, lendo a ordem do dia em homenagem ao Dia do Soldado, discursou o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves. Em São Paulo, inaugurando o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, uma das mais importantes atividades instituídas na USP nos últimos anos, falou o advogado e historiador Raymundo Faoro. O pensamento político da Nação e o

futuro das instituições democráticas aconselham que se faça o cotejo entre o que pensa o general e o que prega o jurista.

O público do general Leônidas compreendeu cerca de 400 autoridades, parlamentares e ministros, além de tropas e do presidente José Sarney, que chegou ao Ministério do Exército a bordo de um Rolls Royce. O público de Faoro era constituído de aproximadamente 300 professores universitários. O público do general ouviu dele exaltações e afirmações. O de Faoro, uma inteligente e intrigante pergunta, que foi o tema de sua conferência: *Existe Um Pensamento Político Brasileiro?* Pelo discurso do general Leônidas, sua resposta, talvez, é que exista, sim, tal pensamento, desde que consubstanciado no eterno zelo e proteção de um Duque de Caxias sobre a vida política do País. Ou seja, o papel dos militares na política nacional não deverá ser questionado.

A resposta de Faoro também envolve o Exército brasileiro, mas é outra. A rigor, é a própria conclusão de sua conferência, quando ele sequer tinha lido o discurso do general Leônidas. "Não fomos liberais quando quisemos. Faltou-nos a estrutura social e sobretudo o pensamento liberal, seqüestrado por três séculos de obscurantismo. Sem a realização do liberalismo, não o superamos, para chegar à democracia. Quisemos ser democratas sem o liberalismo, sem o direito do homem e do cidadão. Quisemos ser, em alguns momentos, socialistas sem ser democratas. Que foi o pensamento político brasileiro nestas circunstâncias? Há uma imagem, não uma resposta. A imagem é de Euclides da Cunha para o pária brasileiro: Hércules Quasimodo, mitologia e ficção. Quasímodo pela deformidade; Hércules na confiança no povo brasileiro."

Assim, em extremos literalmente opostos, num mesmo dia, num mesmo Brasil, o general Leônidas e o historiador Faoro falaram da história política do País, onde foram às Forças Armadas sempre uma personagem atuante. Um dia depois de sua conferência, ao analisar o discurso do ministro do Exército, Faoro lembrava que, ao se dirigir à sua Constituinte, dom Pedro disse esperar que ela fosse digna do Brasil e dele, o Imperador. Ao aproximar a "época de revoltas e desobediência civil" do passado, com "intolerâncias de concepções políticas e sociais", nos dias de hoje, o general Leônidas, segundo Faoro, confunde guerra interna com divergências políticas, "num resquício da Lei de Segurança Nacional". E, ao conceber que é preciso um Duque de Caxias, ou seja, o Exército, para solucionar tais intolerâncias, o general Leônidas agiu como dom Pedro: "A Constituinte deve ser digna do Brasil e de suas Forças Armadas." Desde a segunda-feira, 25, Raymundo Faoro é o primeiro integrante de fato do Instituto de Estudos Avançados da USP, no qual ficará até dezembro.

A seguir, alguns dos principais trechos da conferência inaugural de Faoro:

● *"Existe um pensamento político brasileiro?* A pergunta questiona duas realidades. Os dois termos – pensamento político e pensamento político brasileiro – alcançam, de acordo com a resposta que se lhe der, a autenticidade, num extremo e, no outro, a quimera ou a mistificação. (. . .)"

● "A ideologia se irradia como falsa consciência de uma situação de classe, um véu que a encobre, forçando-lhe a particularidade (Norberto Bobbio. *Saggi sulla Scienza Politica in Italia*. Roma. Editori Laterza, 1977).

● O pensamento político realiza-se, expressa-se, manifesta-se na ação política. É, por natureza, uma atividade, porque atua e cuida de mudar o mundo. Só remotamente, no desvio de sua rota, confunde-se à querela, ao debate de opiniões teóricas, teóricas no sentido de contemplativas. Desenvolve-se num itinerário – um *iter* – que se define na ação. A compreensão da atividade política depende, na interpretação histórica, do enunciado desse *iter*, na trajetória que realmente percorre, no tempo concreto e no espaço cotidiano. Com base no conceito de que o pensamento é o que *se tem em mente* na ação, entendeu-se que se poderia dissociar o ato da idéia, num encontro e desencontro dramático na filosofia (Sheldon S. Wolin. *Politics and Vision*. London, 1961) (. . .)"

● "A recuperação do pensamento político da falsa consciência e do arbítrio teórico é a condição básica para a recuperação da realidade. Não aludimos à mítica realidade nacional, o velocino de ouro do reducionismo, que a procura com a subtração das camadas de tinta estrangeira que a recobriram. (Roberto Schwartz. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo. Livraria Duas Cidades, 1977). Realidade está aqui no sentido de dinâmica, de movimento, capaz de, ao se exprimir, revelar a sociedade, na sua estrutura, tazendo a opressão mais opressiva, acrescentando-lhe a consciência da opressão (*Filosofia do Direito de Hegel*). O pensamento teórico é uma crítica, que nada tem de escolástica nem se inclui na pesquisa teórico-contemplativa. O pensamento político, ainda quando é crítica, é atividade política, potencializando-a, na fusão teoria-prática, valorizando o movimento, na denúncia interessada ao *status quo*. Uma teoria, uma crítica sobre e dentro da prática, não no *logos*, significa valorizar a sociedade no seu devenir, sem o apego ao economismo, que identifica em tudo o reflexo mecânico da base, ausente também o ideologismo. A ausência da consciência



Raymundo Faoro, na USP: conferência crítica e público atento

Hélio Campos Mello

crítica – não, insistamos, a consciência teórico-contemplativa – infundiu à nossa débil história política, no seu tardo movimento, o compromisso com o passado, nunca eliminado do imaginário e da realidade. As conciliações, que nada conciliam, mas tudo restauram e pouco inovam, mantêm no País o passado opressivo, na sucessão de um mobiliário velho e anacrônico. O fato mais inibidor da mudança social se dá pelo encarceramento da sociedade civil, acorrentada a um Estado recoberto com o bolor colonial, para a inamovibilidade do qual trabalha, ainda que insciente, o Terceiro Estado. Não se trata de uma herança passiva, mas de um patrimônio conservado pelo certo tipo de pensamento político – traduza-se: ação política – que servimos, aceitamos e não soubemos superar (. . .)"

"O pensamento político brasileiro – com a eventual identidade que o singulariza – encontra seu perfil na atividade política. História e política se conjugam na fixação de uma *praxis*, composta de muitos retalhos quiméricos e de algumas fixações ideológicas. Singularmente, pelas razões e hipóteses a deduzir, caracteriza-o o desencontro com a estrutura sócio-econômica. Não, evidentemente, com a estrutura que lhe favoreceu o nascimento, mas a base em devenir. Ele sofreria, para simplificar, de uma enfermidade ideológica, cujas raízes se encontram na Contra-Reforma portuguesa. A precoce nacionalidade, servida por um aparelhamento estatal armado e destro, transformou em impedimentos os fatores de seu inicial desenvolvimento. Ela gerou – se é possível o paradoxo – problemas que não poderia resolver, sem potencialidades para desenvolver as forças produtivas que lhe estavam na base. Talvez o fato de haver sido, no pórtico da Idade Moderna, a agência de interesses europeus, fora de seu controle, explique conjecturas históricas ainda não definidas nos resultados (. . .)"

"José Bonifácio completa, no poder, a linhagem dita liberal. A organização do regime constitucional não é conversível, ao contrário do que entendeu a historiografia brasileira do liberalismo (Emília Viotti da Costa). O futuro Patriarca conquista sua posição contra os liberais, no início de 1822, contra Ledo, Clemente Pereira, e Januário da Cunha Barbosa. 'Hei de dar um pontapé nestes revolucionários.' 'Hei de enforcar estes constituintes na Praça da Constituição' – são ditos a ele atribuídos. Atraiu, na verdade, os liberais, senão todos, a maioria mais representativa, em torno de uma transação – também uma transição: a independência 'moderada pela união nacional' (*Obras Políticas de José Bonifácio*, Senado Federal) (. . .)



Cláudio Abramo

Um dia a casa cai, Funaro

Ninguém dúvida do espírito de dedicação do ministro da Fazenda Dilson Funaro nem do de sua equipe e do elevado patriotismo que os anima. Patriotas todos eles são, dedicados e homens honrados. Disso ninguém duvide, e é necessário salientar esse ponto, fundamental num período em que por detrás de cada reserva ou crítica se pretende ver sempre alguma restrição de ordem moral.

Resumindo: Dilson Funaro e os seus jovens turcos são homens de bem. De bem, mas estão querendo rir na cara deste escrevinhador – e da população –, quando pretendem que os preços dos imóveis, seja para venda, seja para aluguel, não influam na inflação. Eles têm razão quando dizem que o aumento dos preços da gasolina influem pouco (mas influem, assim mesmo) e que aumentar preço de passagem aérea para dondocas e seus filhos passarem férias em Miami, Flórida, não inflaciona; ou quando dizem que aumentar carro "zerinho", como diz, com confirmada vulgaridade, o executivo de classe média, também não inflaciona; punem parte da classe média, a que aproveitou abusivamente da especulação financeira oferecida pela inflação desenfreada provocada pela cupidez imoral de comerciantes inescrupulosos e pela impunidade de industriais rapinantes. E ponto final.

Não podemos imaginar qual seja o artifício ou a "racionália" empregados pelo ministro e seus auxiliares para poder acreditar que nos convencerá de que os preços dos imóveis não entram na inflação. Vamos tentar esclarecer esse ponto, embora acreditemos que dispondo do concurso de economistas tão brilhantes e de estatísticos tão ágeis, o ministro já tenha chegado ele próprio à mesma conclusão.

Vejamos, pois: uma família de classe média-média, com o marido ganhando uns Cz$ 8 mil e a mulher ganhando uns Cz$ 6 mil (o que é aliás raro), mora num apartamento, alugado há digamos dois anos, e paga portanto um aluguel baixo: digamos um apartamento de dois (ou três) quartos, sem as filustrias enganadoras de agora, assinadas por arquitetos subitamente promovidos a estrelas, e batizadas com algum nome estupidamente saxônico, no geral grafado com erros imperdoáveis (pois a tigrada sabe extorquir dinheiro, mas continua intransigentemente analfabeta e ignorante). Paga o nosso casal, por esse apartamento, um aluguel que varia de Cz$ 600 a Cz$ 1,2 mil; o contrato está no fim, o casal precisa rever o aluguel, por força da lei, ou o proprietário, subitamente necessitado (isso se inventa fácil), quer o apartamento para morar. O casal vai procurar apartamento: só encontrará por um mínimo de Cz$ 6 mil, quando não Cz$ 7 ou Cz$ 8 mil. Se subirmos um pouco na escala de salário, ou da exigência do casal, o aluguel será ainda maior, vai a Cz$ 12, Cz$ 16 ou Cz$ 20 mil por mês. Isso significa que ou o casal deixa de comer, de ler, de li-

● "Silvestre Pinheiro, Hipólito da Costa e José Bonifácio tinham em comum o mesmo perfil ideológico: o problema nacional seria a ordenação do poder, não o combate ao absolutismo.

O objetivo envolvia o reformismo, mesmo em matérias inflamáveis, como a escravidão e a mudança da estrutura agrária. Pombal, sem recorrer a princípios liberais, libertara os escravos em Portugal. Que impediria que, dentro das mesmas idéias, se fizesse outro tanto no Brasil. Observe-se que liberalismo e escravidão não são antitéticos: sua convivência é difícil, mas não anômala, ao contrário do que se entendeu. O liberalismo exclui, porque democracia é outro conceito, do pacto político camadas e classes, de acordo com a hegemonia dos grupos. Esta é sua prática corrente (...)"

● "O oficialismo chamado liberal encontrou, nos anos que precederam a Independência, seu padroeiro. As brochuras de Benjamin Constant, publicadas a partir de 1814, foram a sua bíblia. Tratava-se de um liberalismo de linhagem aristocrática, burguesamente temperado, com suas inspirações em Locke e Montesquieu. Um veto distinguia-o: o veto à soberania popular, teoria que, ligada a Rousseau, se juntou, por obra da intriga histórica, ao Terror, aos jacobinos, certo, aliás, que Robespierre o citava com ou sem propósito. 'Rousseau', dizia Constant, 'amava todas as teorias da liberdade, mas forneceu o pretexto a todas as pretensões da tirania' (Benjamin Constant. *Cours de politique constitutionnelle*. Paris (...)"

● "A oficialização do liberalismo, no modelo em questão, desclassificou a recepção de todas as correntes que insistiram nos postulados realmente liberais. O imperador, depois de, pela mão de José Bonifácio, fixar os limites do poder constituinte, põe termo aos seus trabalhos. O constitucionalismo, que se queria converter num sinônimo, o liberalismo, seguiu rumos diversos. O ponto de discórdia entre os liberais e o liberalismo oficial era o poder de organizar o País. O chefe do Estado deveria, segundo o molde do oficialismo, permanecer intocado ao controle da Constituição, a qual preexistia. No manifesto de 16 de novembro de 1823, dom Pedro I destacava o ponto de conflito: "Pretenderam-se restringir em demasia as atribuições que competem pela essência dos governos representativos ao Chefe do Poder Executivo e que me haviam sido conferidas pela Nação como Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil." Fecha-se, desta sorte, o ciclo: o absolutismo reformista assume o rótulo do liberalismo e, em nome do liberalismo, desqualifica os liberais (...)"

---

gar a luz e de tomar banho, morrendo no processo e na tentativa, para pagar o aluguel, ou então vai morar na periferia da cidade, preferivelmente numa casa sem reboque, distante pelo menos 20 quilômetros do centro da cidade. Há outras soluções; por exemplo, a esposa pode prostituir-se, o marido pode dedicar-se a explorar o lenocínio, ou pode tentar assaltar transeuntes, ou arrombar casas; a esposa também pode apresentar-se em circos, nas horas vagas, ou cavalgar jacarés, ou, para não ficar longe do marido, apresentar-se em espetáculos pornôs de sexo explícito, ao lado do consorte. Ou seja, ou se adapta ou vai para fora da cidade.

Agora, se o mesmíssimo casal, para se livrar do absurdo do aluguel alto, imagina que pode comprar uma casa, ou um apartamento, começa um drama ainda maior. Em primeiro lugar, não encontrará nada que seja inferior a Cz$ 1,2 milhão, Cz$ 1,5 milhão, e isso mesmo em zonas não muito boas da cidade. Quanto aos apartamentos, propriamente ditos, são uma gozação ao bom senso do futuro proprietário e um escárnio aos funcionários da prefeitura que pespegam o "habite-se". No caso de insistir na compra do supradito apartamento, de pretensioso nome saxônico ou adamada designação gaulesa, o casal terá de se desdobrar ainda mais; nesse caso, o marido, nas horas vagas, além de trabalhar em circo e dedicar-se à exploração do lenocínio, terá também de engolir giletes em praça pública e bater carteira na porta de colégio.

Enquanto isso, o feliz proprietário do imóvel não está, como pensa o público ingênuo e estúpido, pagando os impostos pelo preço que cobra do imbecil comprador, mas sim a porcentagem aplicada à quantia que muito safadamente declarou como sendo o valor do imóvel, ou seja, uma fração infinitesimal do valor que ele pede do cretino pretendente. Além disso, ele pode deixar impunemente, desafiadoramente, o seu imóvel desalugado ou simplesmente vago, com tabuleta na porta de "aluga-se" ou "vende-se", dobrando o preço a cada 30 dias, pois não ocorre a esse prefeito que está aí, como não ocorreu ao que o antecedeu, aplicar uma multa semanal ou mensal, ou diária, a ser dobrada a cada período, tornando assim impossível a prática desatinada da exploração imobiliária.

O preço dos imóveis influi enormemente na inflação, pois o sujeito que precisa alugar apartamento novo ou comprar um precisará certamente elevar os seus preços para poder enfrentar essa nova besta do Apocalipse que são os grandes proprietários de imóveis na cidade de São Paulo. Se não pode aumentar os preços, pois é empregado, vai procurar algum estratagema para aumentar sua renda.

Os imóveis são a mercadoria que subiu mais escandalosamente de preço nos últimos seis meses, precisamente após o Plano Cruzado. Foi um cochilo imperdoável de Funaro não ter tabelado tudo (e não adianta congelar apenas o imóvel alugado); um cochilo pelo qual, se não ele próprio, ministro, terá de prestar contas um dia, nós todos, o País, a Nação, teremos de administrar o problema mais cedo ou mais tarde, pois esse aumento abusivo e desavergonhado, livre de qualquer controle oficial, vai minar a sociedade e vai atirar a classe média na trincheira dos populistas mais demagógicos e dos arrivistas mais inescrupulosos.

Ou Funaro e seus rapazes enfrentam esse problema com a coragem cívica que tiveram para lançar o Plano Cruzado e o compulsório, ou vamos mergulhar todos numa crise de confiança sem precedente. É só esperar.

USP urgente

Nº 3

NOVEMBRO/86

Historiador cubano faz palestra no IEA

"História e Problemática das Identidades Culturais" é o tema da conferência que o professor Manuel Ramón Moreno Fraginals, de Cuba, fará nesta sexta-feira, dia 7 de novembro de 1986, às 15 horas, no Anfiteatro do Departamento de História e Geografia da USP, como o primeiro professor visitante especialmente convidado pelo Instituto de Estudos Avançados, da Universidade de São Paulo. Historiador, economista e pensador contemporâneo, Fraginals é investigador titular da Academia de Ciências de Cuba e professor emérito da Universidade da Califórnia (Berkeley).

O conferencista foi visitante da Universidade de Michoacán, no México; da Universidade de Oriente em Cuba; professor da História Econômica na Universidade Central de Las Villas; de História de Cuba e do Caribe, no Instituto Superior de Relações Internacionais de Cuba e de História da Cultura no Instituto Superior de Arte. Na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, foi *Tinker Visiting Professor*. Na Universidade da Califórnia, foi *Chancellor's Distinguished Lecturer*.

Ganhou o primeiro prêmio da Sociedade Colombista Panamericana pela sua obra "Viajes de Colón en Aguas de Cuba". Também primeiro prêmio da Associação de Bibliotecários de Cuba pela sua obra "José Antonio Saco: estudio y bibliografia". Obteve o prêmio Carence H. Haring, da American Historical Association, pela obra "The Sugar Mill".

O professor Fraginals é também presidente do Comitê de Redação da História do Caribe (Unesco), membro do Comitê de Redação de História da América (Unesco), signatário e co-redator da Carta de Atenas. Publicou inúmeros trabalhos que foram traduzidos para o russo, inglês, francês, português, alemão, italiano e japonês.

JOSÉ GOLDEMBERG FALA SOBRE NOVA ESTRATÉGIA ENERGÉTICA

O Instituto de Estudos Avançados da USP convida os membros da Comunidade Universitária para a conferência que será proferida pelo reitor José Goldemberg, sobre o tema "Uma nova estratégia energética para o Brasil", a se realizar no dia 10 de novembro, próxima segunda-feira, às 17 horas, na sala do Conselho Universitário. O conferencista será apresentado por Jacques Marcovitch, da FEA-USP e presidente da CESP.

SECHABA.